

**Todos os anos lembramos o Dia das Mães com muitas flores, beijos, sorrisos e, em algumas famílias, muitos presentes. Nesta peça queremos ajudar a refletir sobre as mães que perderam ou estão perdendo seus filhos nas guerras e outras violências.**

### PREPARAÇÃO

No palco, rosas murchas espalhadas pelo chão e uma música instrumental que ajude a reflexão (veja a dica no final).

Após alguns instantes, entram dois personagens. A primeira, caracterizada como mãe de uns 30 anos vestindo roupas sujas de sangue. A outra, uma mãe idosa de bengala. Elas andam pelo palco procurando seus filhos. Gritam o nome deles, mas sem resposta. Após algum tempo, declamam para o público.

### PRIMEIRA CENA

Mãe Idosa: (lenta e reflexiva) Já se foram muitos anos, mas ainda parece-me que estou ouvindo suas primeiras palavras: “ma-mãe”. Que alegria! Nascia em mim uma nova mulher. Uma mulher guerreira, apaixonada, mais carinhosa... Era meu primeiro filho dos seis que vim a ter nos 27 anos seguintes de minha vida... (ouve-se a voz de criança gritando: Mãe, vem me procurar!!!) ... eles estavam sempre juntos de mim, e eu os tinha (ela chora). Sentia-me uma rosa que segurava entre suas pétalas o pólen da vida, mas hoje... mas hoje (ela olha para os lados tentando procurá-los) não os tenho... foram com o vento do esquecimento... não os tenho mais... (entre soluços, sai procurando e chamando pelo nome de seus filhos).

VOZ: Largadas e esquecidas são elas... mães idosas, mães abandonadas. Corações tenros e amaciados pela alegria de possibilitar o nascimento da vida, hoje só lhes resta a amargura e a solidão materna. Mães esquecidas por filhos preocupados com o sucesso, com a ambição... Esquecidas... Apenas e somente: esquecidas!

MÃE SOFRIDA: (em tom de indignação) Maldita guerra estéril que rouba nossos filhos cheios de vida e nos devolve corpos... sem vida. Suga o ar juvenil de nossos rebentos que cultivamos durante os anos em que eram desprotegidos, e agora os colocam diante do fogo que devora sem piedade... (ouve-se a voz de um adolescente: Mãe, dorme comigo, eu estou com muito medo!). Oh, violência infeliz! Oh, maldita droga! (choro de indignação). Sim, vocês arrancaram e destruíram nossos filhos queridos!

VOZ: A guerra, o narcotráfico, a violência, a ambição levam todos os dias milhares de filhos e filhas, deixando mães órfãs e sem mais sentido para viver. Basta! Até quando teremos que ver mães chorando a ausência de seus filhos? (com intensidade) Ao final da frase, as duas mães que estão no palco ficam “congeladas”.

## SEGUNDA CENA

Entra um casal de irmãos olhando juntos um álbum de fotos. Eles apontam as fotos, sorriem e fazem comentários.

IRMÃ: Olhe só essa aqui mano, a mãe se atirando no chão pra pegar algumas balas no aniversário do Henrique, parece uma criança...

IRMÃO: Isso porque nós tínhamos vergonha de pegar (a irmã perde o sorriso).

IRMÃO: Veja a festa dos 25 anos de casamento dela com nosso querido papai. Foi uma festa maravilhosa. Mas, observe bem, irmã, ao contrário do papai, a mamãe me parece tão triste...

IRMÃ: E não era por menos Carlos, naquele dia mamãe completava 5 anos de muitas saudades de nosso irmão Joaquim, falecido por causa das drogas...

IRMÃO: Pobrezinha, sempre deu toda sua vida, suas energias, seu amor por nós. Veja essa foto que o Joaquim bateu, ela estava dormindo no chão ao lado da minha cama. Passei dois dias doente e ela sempre ao meu lado.

IRMÃ: Agora tudo mudou: Nossa vida não é mais a mesma sem a mamãe.

IRMÃO: Ah, minha irmã, o asilo é uma faca que até hoje me corta o coração. Nossas preocupações egoístas permitiram que nossa idosa mãe passasse seus últimos dias só... sem... (ele abraça a irmã e ela o conforta).

IRMÃ: ... sem amor, Carlos... sem amor.

Eles “congelam” abraçados. As duas mães voltam a procurar pelo palco seus filhos, chamando-os.

## TERCEIRA CENA

Entram 5 jovens, cada um com uma letra da palavra MAMAE. Ficam lado a lado formando a palavra e, na ordem, declamam um a um avançando um passo.

M: Mulher! Mãe é, acima de tudo, mulher, valente, sensível, doce e corajosa.

A: Amorosa! Ama incondicionalmente seus filhos e marido. Verdadeira expressão do amor de Deus.

M: Maravilhosa! A exemplo de Maria, as mães são um poço de maravilhas.

A: Afetuosa! Como ninguém, as mães são as companheiras mais desejáveis de

qualquer criança.

E: Especial! As mães são especiais e a elas se voltam nossos olhares neste dia tão especial.

Após a última letra, as mães que estavam “congeladas” se dirigem até os jovens que formam a palavra MAMAE e reformulam as letras formando a palavra AMAME. Logo em seguida declamam.

MÃE SOFRIDA: Ainda sou mãe. Sou idosa, mas sou mãe. Ganhei o diploma de Avó, mas ainda sinto vontade de pegar meus filhos no colo e protegê-los com todo o meu amor. O que mais quero é que não esqueçam de mim... AMAME, meu filho; AMAME, minha filha!

MÃE SOFRIDA: Não permitamos que mais mães se tornem órfãs de filhos e vivam a lembrança das terríveis e estéreis guerras, violências, sequestros, drogas... Tudo isso separa a árvore de seus frutos.

Neste momento os jovens que estavam “congelados”, juntamente com os outros, se aproximam das duas mães e as abraçam oferecendo-lhes rosas vivas e bonitas. Enquanto isso os personagens e o público cantam uma canção conhecida ou tocam uma música relacionada ao momento.

DICAS:

Podem ser usadas várias músicas de acordo com o momento, contudo indico para a abertura deste teatro a música Adágio, de T. Albinoni, que se encontra no CD gravado pelas Paulinas: “Momentos de Paz”, de Eduardo Assad.

As mães devem ser bem caracterizadas, disso depende também o êxito do teatro. Muita criatividade!

Preparem um pequeno texto como oração ou mensagem e distribuam para as pessoas presentes para que todos possam rezar juntos no final da apresentação. Minha última dica é, ensaio, ensaio e mais ensaio.

Não deixem de ensaiar e treinar bem as falas para que tudo flua como manda a arte cênica. Até a próxima.

**Fonte WEB** - Site não mais disponível